

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 31

Editor,
Dr. Alberio Rodrigues

Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

Redactor principal,
Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 22 de junho de 1911

Administrador,
N. L. de Carvalho
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesa
R. DE PAYO GALVÃO

A MATILHA

Passados que foram alguns dias sobre a revolução de Lisboa, a cobardia monarchista que nos primeiros momentos se havia retrahido, apavorada pela ideia das perseguições, das matanças, da chacina—começou distendendo as garras, respirando fundo, desabafando terrores. Dos vencidos, sobre os quaes não cabiu piedoso o gladio vencedor, alguns se retiraram com brio do campo de batalha; outros debandaram, fugiram á pressa, desvairados, com a raiva e o odio nos corações, apertando ao peito o punhal da traição e da vingança.

E' dest'ultima categoria de adversarios da republica, desses que veem fazendo a guerra desleal dos boatos, dos descritos, das diffamações, das conspiratas, que eu quero dizer qualquer coisa. A meu ver, um individuo, só pelo simples facto de fazer a apologia da monarchia no nosso paiz, depois de ter conhecimento da decadencia a que ella nos levou—revela degenerescencia mental. Aquelle illudido que ainda hoje espera e crê na monarchia e por ella (e por si...) chega á perversão, ao desejo duma luta sanguinaria e fratricida ou duma intervenção aviltante do estrangeiro é um cerebro tarado que se move no triangulo formado pelas palavras—maldade, estupidez, demencia.

De mau a estúpido, salvo as excepções, eu incluo a especie monarchista—padre. Este guarda ainda o patrimonio de ignorancia que lhe legou o homem primitivo, recuando para o intimo da caverna, cego pelo fulgor do raio, amedrontado pelo trovão em que elle imaginava a voz dominadora do Ser superior, o deus da vingança e do mal. Desce até ao rebaixamento ignobil dos que, na abdicção do raciocinio, na passividade moral, «creem a olhos fechados»; dos que odeiam a luz, negam a sciencia, condemnam o amor

e vivem pensando num mundo irreel de mysterios e milagres.

De mau a dementado, passando por todas as gradações, devemos comprehender o monarchista bandido. Nelle se include toda a camarilha que, á sombra da ostentação podre e viciosa dum throno, vinha roubando, sugando, desfalcando um paiz estropiado e fallido. O bandido tem consigo o estigma de todos os crimes, de todas as traições, de todas as infamias. Vende tudo a ouro—o caracter, a dignidade, a honra, e, se o deixam roubar, rasteja e bajula, se lh'o impedem, ameaça e assalta.

Da estupidez á demencia integramos a mui alta nobreza luzitana, um ramo dessa batida nobreza que vem de longe e, no feudalismo, teve o seu triumpho, quando o senhor de «pendão e caldeira» vergalhava o servo da gleba, lhe prostituia a mulher e as filhas, lhe desperdiçava as sementearas, o pão, correndo aos gamos, com seus cavallos e cachôrrros, atravez dos campos cultivados pelo pobre; dessa nobreza inclinada aos prazeres materiaes que o dinheiro, o luxo, a riqueza sustentam e sempre descuidada da menor cultura intellectual.

Desta heterogeneidade que eu conglobei aqui, numa rapida classificação, é formada a hoste que cerca ainda, vacillante e desordenada, a bandeira monarchica. E' este o inimigo. Que miseria e que vergonha! A republica tem por seu lado aquelles que caminham para a Vida, para a luta, para o progresso, de frente erguida, banhada pelo sol, illuminada pela esperanza! E, como a marcha dos povos é constante, embora por vezes retardada, latente, só nos espiritos, só nos corações—a nossa republica viverá. O passado morre. E' lei natural.

M. C.

Republica Portuguesa

Decreto da Assembleia Nacional Constituinte

«A Nação Portuguesa é livre e independente, porque só nella reside a Soberania, constituída, sustentada e reconhecida pela continuidade historica de oito seculos; é d'ella que por delegação temporaria, revogavel e condicional, derivam todos os poderes do Estado, conferidos a representantes responsaveis pelo cumprimento do seu mandato.

Depois de tremendas catastrophes, de guerras fratricidas, intervenções armadas estrangeiras, revoltas de generaes palatinos e ministerios de resistencia e opressão; ao fim de largos annos de predomínio d'este regimen, com a dynastia de Bragança, que arrastou este paiz á decadencia e ao isolamento da Europa, Portugal, pela revolução de 5 de outubro de 1910, reassumiu a sua Soberania, tomando conta dos seus destinos e destituindo o ultimo representante d'aquella dynastia, que pelos seus crimes ameaçava extinguir a nacionalidade.

A Assembleia Nacional Constituinte, confirmando o acto de emancipação realisado pelo povo e pelas forças militares de terra e mar, e reunida para definir e exercer a consciante soberania, tendo em vista manter a integridade de Portugal, consolidar a paz e a confiança na justiça e o bem estar e progresso do Povo Portuguez—proclama e decreta:

1.º—Fica para sempre abolida a monarchia e banida a dynastia de Bragança.

2.º—A forma de Governo de Portugal é a da Republica Democratica, pacifica e progressivamente realisada pelos representantes do povo.

3.º—São declarados benemeritos da Patria todos aquelles que para deporem a Monarchia heroicamente combateram até conquistarem a victoria, consagrando-se para todo o sempre com piedoso reconhecimento a memoria dos que morreram na mesma gloriosa empreza.»

Viva a Republica Portuguesa!

SAUDEMOL-O

Tomou assento pela primeira vez no seio da assembleia nacional constituinte, recebendo o seu respectivo diploma, distribuido na abertura solemne da mesma, em 19 do corrente, o illustre deputado eleito por Guimarães, sr. dr. Eduardo d'Almeida.

Goube-lhe a satisfação e a gloria de, como legitimo representante do povo, proclamar também a Republica como forma de governo da nação e de votar a abolição da monarchia em Portugal, a adopção da bandeira do novo regimen como symbolo da patria e da "Portugueza", como hymno nacional.

D'aqui o saudamos entusiasticamente, na firme esperanza de que o seu muito patriotismo, a sua ardente fé democratica e o seu formoso talento muito hão de contribuir para a grandiosa e alevantada tarefa a realisar pela Assembleia Constituinte, de que faz parte, porque nella está a suprema esperanza da patria, que consiste em tornar-se grande pelo seu passado historico e pelas suas virtudes civicas, exuberantemente reveladas nesse gesto heroico e sublime de emancipação popular, que irradiou com fulgor triumphante na manhã de 5 d'outubro.

Notas da semana

Ora os «gajos»!

Com o vistoso pretexto de «engrandecerem o nome portuguez», passaram... e repassaram a terra de Guimarães, os taes do *Globe-Trotters*, que a imprensa réclamo e deu á estampa, só porque tiveram a pittoresca ideia de correrem... as sete partidas do mundo, «sem dinheiro», com o que não fizeram favor a ninguém, e «a pé», do que desconfiamos.

Segunda-feira, por exemplo, elles ahí voltaram, os tres maduros, montados respectivamente em tres rocins, d'aluguer, talvez no generoso proposito de fazerem encavacar, por dentro, aquelles que cahiram na esparrela de lhes sustentarem a pittoresca ideia que os anima—de flautearem a vida á custa dos papalvos. Bom será que a mania não pegue em uso, o que seria um perigo, dada a predominante inclinação da «briosa» mocidade.

Se por ahí forem vistos, os vistosos mancebos, façam o favor de avisarem cá para casa, pois queriamos deixar-lhes, em troca do postal, este honesto e sensato insulto:—vão trabalhar, meninos... para «engrandecerem o nome portuguez»!

Do mal, o menos

Tratando-se da celebração do centenário do nascimento de Afonso Henriques, como fundador da nacionalidade portugueza, cujos festejos, n'esta cidade, são já um facto, ninguém ignora que o nosso venerando castello e capella anexa, constituindo dois monumentos nacionaes de alto valor historico, serão dois pontos de irresistivel atracção para os forasteiros e até para os proprios vimaranenses, n'esses dias de jubilo e de consagração do primeiro portuguez.

Aqui, Afonso Henriques pairará no espirito de todos com essa heroicidade medieval, quasi lendaria, como em Coimbra, Ignez de Castro segreda em volta da nossa phantasia todo o poema do seu amor idyllico e do seu fim cruelmente tragico.

Ali evocamos a quinta das Lagrimas, e n'ella, junto á fonte dos Amores, idealisamos toda uma lenda infortunada, que as lapides commemoram; aqui evocaremos o vetusto castello, diante de cujas muralhas idealisaremos toda essa epopeia grandiosa e heroica do esforçado cavalleiro, e parecer-nos-ha ouvir, n'aquellas pedras ennegrecidas pelos seculos, o fragor de rudes pelejas como aquella que levou Egas Moniz aos pés de Afonso VII, de Leão.

Mas, á roda d'esse soberbo al-

cácar, o forasteiro nem tempo terá para se entregar a esses devaneios da phantasia, ao attentar no lixo que por ali se amontoa e naquella moderno cerco que lhe foi posto por casebres, hortas, muros e arvoredos cerrados, que quasi o furtam á admiración das gentes; nem tempo terá de verberar a dose de mau gosto e de abandono necessaria para se conservar aquelle velho padrão de gloria nacional apenas accessivel por uma estreita nesga, entre muros, de onde mal se pode admirar uma pequena parte d'esse conjunto elegante de torres, cortinas, barbacans e paço senhorial, formando o mais genuino specimen do castello coevo.

E se o castello partilhar das ornamentações e das illuminações geraes, será quasi nullo o effeito obtido pela pequena parte que d'elle sobressae, convencidos como estamos de que por maior vontade que podesse haver para desfogar convenientemente o castello, era já materialmente impossivel; mas resta-nos ao menos a esperança de vermos decentemente limpo nos dias de festa o local e as ruas que ali conduzem, especialmente aquelle arco triumphal da rua Elias Garcia (Santa Maria) vergonhosamente porco, com as suas vidraças partidas e a sua ornamentação de teias d'aranha.

oo

Com calma

O caso é este. O Asylo de Santa Estephania, que é uma instituição destinada á infancia desvalida e que vive por assim dizer da philantropia particular, traz alugados os baixos do seu edificio ao Circulo Catholico — centro de reacção, sem duvida, mas cuja existencia legal ainda não foi negada pelo governo da Republica.

E' pois um inquelino que o Asylo tomou, desde ha muito, — inquelino e nada mais. E' lhe isso vedado por lei, sabe-se; a verdade, porém, é que, sem contrariar o espirito da mesma lei e, ainda, pelo rudimentar principio duma boa administração, a direcção do Asylo não peccou tomando o inquelino, pois representa isso na economia dessa casa de caridade uma receita de 80.000 reis.

Que faz, no entanto, ou pretendera fazer a auctoridade administrativa — só porque desejava (sim, fallamos claro!) attingir o tal circulo? Diz ao chefe do districto que allí se promovem conferencias reaccionarias, querendo por esta forma, talvez, fazer acreditar que taes conferencias ainda allí se vinham realisando depois de 5 d'outubro, o que, valha a verdade, ninguém dera por isso.

Entretanto, num deploravel esquecimento em auctoridade que tudo deve procurar ver e prever, enquanto buscava satisfazer um desejo, um prazer intimo, que é tambem o nosso, (só com a differença de que o guiamos por outro caminho) não reparava que assim ia cercar os rendimentos dum Asylo que vem lutando com serias difficuldades, trazendo como consequencia a diminuição das creanças internadas, o que, francamente, alem de imprevidencia, era crueldade.

E buscava-se este expediente por o apaixonado escrupulo de fiscalisar o cumprimento da lei? Não. Simplesmente pelo prazer, (imperfeito prazer) de dar um cheque ao Circulo Catholico (?). E, dizemos imperfeito prazer, porque, improprio era o seu resultado. Senão vejamos.

Soffrendo embora o Asylo, fe-

chiria o tal Circulo? Não; e não, porque esse officio enviado pela auctoridade administrativa ao chefe do districto, nada continha como materia de prova para a dissolução. O que succedia, pois, era a direcção do Asylo ter de diminuir ao seu já magro orçamento mais 80.000 reis, e a gente do tal Circulo, por sua vez, ter só o encommodo de — mudar de casa!

Evidentemente que era um mau acto, e foi por isso que o caso mereceu a nossa reprovação.

*

Outra questão. Diz a *Velha Guarda* que nós trouxemos este caso para a imprensa, para satisfazeremos ressentimentos amuados, e, mais ainda, que nós nunca perdemos ensejo de «combatere» os poucos republicanos que nesta terra existem. Ora vamos lá por partes:

Responde-nos o collega se nós, militantes do partido republicano, somos obrigados, por dever de disciplina, a calar o nosso criterio, a nossa razão e o nosso pensamento? Se não estamos, como nos quer parecer, cingidos a uma tal indignidade, — onde, porque forma, em que circunstancias, quaes os numeros deste jornal em que nós vimos dando expansão a ruins sentimentos?

Deixemo-nos de palavras, que só servem para illudir ingenuos e encobrir erros, e vamos á prova — já que os senhores dizem que os combatemos, quando tam somente os discutimos...

Ha ainda um ponto que deve não passar em claro.

Aconselha o citado collega (foge dos maus conselheiros) a que defendamos, e tal e coizas, a Republica, se é que isso não vae contra a nossa consciencia!

Quer ter a bondade de dar-nos todo o significado de semelhantes palavras?

oo

A bandeira nacional e o hymno portuguez

O decreto sobre a bandeira e o hymno nacional é concebido nos seguintes termos:

«A Assembléa Nacional Constituinte decreta:

1.º A bandeira nacional é bipartida verticalmente em duas côres fundameataes, verde escuro e escaurlete, ficando o verde do lado da tralha; ao centro o escudo é sobreposto á união das duas côres, orlado de branco, assentando sobre a esphera armilar manuellina em amarello, avivado de negro.

As dimensões e mais pormenores do desenho e especialização da decoração da bandeira são as do parecer da commissão nomeada pelo decreto de 15 de outubro de 1910 que serão immediatamente publicados no «Diario do Governo».

2.º O hymno nacional é a «Portuguez».

oo

Duvidam?

O *Commercio de Guimarães* que, por se tratar duma verdade, transcreveu do nosso jornal um echo, onde diziamos — que não tivera luzimento uma determinada manifestação promovida por o Centro Republicano, deve, estamos certos disso, referir-se com sinceridade igual á nossa, á manifestação que, na segunda-feira, do mesmo Centro sahiu.

E' assim, afinal, que se mostra a lealdade dos propositos.

oo

Ideias sensatas

Na *Fronteira*, d'Elvas, escreve o padre Marques Serrão:

«O padre tem, mais do que qualquer outro cidadão, restricta obrigação de ser republicano, visto a Republica, á face da sciencia, ser uma forma mais perfeita de governo e o padre, pela sua crença, que não só pelo seu patriotismo, ter de procurar o mais perfeito.

O padre, pela sua crença, tem o dever de amar a Patria e de acatar as suas leis.

E' do Evangelho. Amar a Patria, em Portugal, e acatar as suas leis, é amar e servir a Republica.»

E a respeito do divorcio:

«O divorcio é um privilegio. Só usa d'elle quem quer. A Belgica, quando em 1630 se declarou independente, incluiu-o na sua Constituição.

A Belgica é uma das nações do mundo mais acentuadamente e mais praticamente catholicas, e por um partido exclusivamente catholico é governada — e muito bem — ha quasi trinta annos.»

Fala como um livro aberto, o padre Serrão. Sobre o registo civil tem esta opinião:

«A lei do Registo Civil obrigatorio não ha canon que a anatematize. Teem-na todas as nações catholicas da Europa, mesmo a Hespanha.»

Parece S. João Chrisostomo, o Bôcca d'Oiro. Quanto á lei da separação, ella impõe-se:

«A lei da separação do Estado das Igrejas, neste momento psicologico de intensa agitação de espiritos e de formação imminente de heterogenios sistemas philosophicos, impõe-se mais que todas.»

Agora, reproduzamos o final do artigo do reverendo Marques Serrão:

«Oxalá que todos os padres, que todos os portuguezes, se convençam que só podem ser verdadeiramente patriotas se forem verdadeiramente republicanos.»

Rigorosamente evangelico.

Do Povo do Norte.

Reivindicando

Os alfaiates, apoz 4 dias de grêve, retomam o trabalho, contentes

Votada a grêve na Associação de Classe, o movimento tivera uma preparação consciante e, era de prever o seu triumpho.

Conseguiram muito?

Conseguiram pouco?

Não é, não deve ter sido esse o objectivo unico das ultimas jornadas das classes operarias de Guimarães. Baseadas as suas reclamações em principios de equidade, mais que o ponto material ellas vêem — cremo! — o exemplo que fica dum triumpho moral, pois é esse, por certo, o que em circunstancias destas nunca se deve deixar perder.

Assim, grato é vermos que mais um movimento de justas reclamações se vingou — sem aggravos nem perturbações.

A «Associação de Classe dos Alfaiates e Costureiras», as nossas felicitações, e aos industriaes — um muito bem.

A Commissão de melhoramentos nomeada pela classe, trouxe, no primeiro dia da grêve, um manifesto ao publico. A auctoridade administrativa trabalhou com exito na conciliação do conflicto.

Amanhã retomam o trabalho os que ainda o não poderam fazer.

Uma resposta ao artigo — "Eu defendo as creanças," inserto no ultimo numero da "Velha Guarda,"

Pedem-nos a publicação da seguinte

Carta aberta ao illustre litterato Alfredo Guimarães

Um accionista obscuro que honradamente, honestamente, conseguiu á força de innumeradas cancelas, de immenso e extenuante trabalho, juntar um pequeno peculio para ajuda do pão com que necessita sustentar os filhos, todos menores, «impossibilitados» todos «de ganharem a vida», vendo-os, com a quebra do Banco, «cahir subitamente na miseria», vem solicitar de V. Ex.ª, Ex.º Sr. Alfredo Guimarães, a defeza dessas creanças. Ou antes, lembrar-lh'a, inspirar-lh'a.

— Pelas lagrimas de minha mulher que é a mãe de meu filhos, dos filhos d'um pobre accionista do fallido Banco, pessa, a quem entenda de dever, que «lhes não encha a vida de negrura».

— Implore, commova, como só V. Ex.ª, com a sua alma purissima de Poeta, sabe fazel-o.

— Veja que, no caso presente, todas as creanças merecem a nossa compaixão, quer sejam filhos do respeitado ex-director dum Banco, quer o sejam d'um ex-accionista vulgar, anonymo, do mesmo Banco.

— Não esqueçamos, portanto, as ultimas só porque tiveram a má sina de possuirem por pae um accionista e, a muitos ouvidos extremamente delicados, — accionista, — credor, — soar, em qualquer caso, invariavelmente, como — carrasco, — verdugo —. Não; «sejamos uma vez bondosos, sinceros e grandes» e não deixemos uma unica vez de ser justos.

E porque V. Ex.ª certamente o pretende ser, olhando a differença que existe entre as creanças tristes a quem crearam a desgraçadissima situação que verificamos, essa dezena de creanças a que se refere na sua bella peça litteraria, com o coração em sangue, e a centena de não menos tristes creanças d'alguns accionistas, terá de constatar que, se aquellas usufruíam, ainda que inconscientemente, bens que de direito lhes não pertenciam, estas ficam impiedosamente despossadas de bens legitimos.

Sim, porque V. Ex.ª decerto concorda que neste velho burgo ainda haja credores que legitimamente o sejam do Banco em questão.

— E' pois para esses, para os filhos d'esses, para os meus filhos que venho solicitar a defeza de V. Ex.ª com a certeza de que não deixará de ser «bondoso, sincero e grande» para com os que «não mentiram a accionistas a depositarios a agiotas» e que ora simplesmente são victimas dos actos menos correctos de quem devia educal-os com carinho que apenas a fortuna propria, legitima, justa devia amparar.

V. Ex.ª não me conhece pessoalmente; nunca me fallou. Tenho muitos filhos e, pelo exposto, contam com a brilhante defeza de V. Ex.ª. Veja pois, d'esta vez, para que lado deve voltar o seu chicote.

Um accionista do Banco de Guimarães.

Festa nacional

reconhecimento da Republica pelo parlamento traz a Guimarães um jubilo inlense — Manifestações — Marcha luminosa — Telegrammas.

Foi a 19 de junho de 1900, ha 11 annos, que Affonso Costa, essa figura extraordinaria de revolucionario, levantando no parlamento da Monarchia a sua voz potente e vingadora, proclamára a sentença do regimen nestas historicas palavras: — «A ultima cartada quem a ha de jogar somos nós!» Decorridos que são 11 annos, no mesmo dia e mez, é proclamada solemnemente a Republica Portuguesa pelos representantes da Nação.

Cumpriu-se o determinismo fatal e logico da Historia, onde se aprende que não morre um povo, nem finda uma patria que sente n'alma um ideal de progresso e de resgate.

«Viva a Republica!» — foi o grito que percorreu todo o paiz, enchendo d'alegria toda a terra portugueza nesse dia memoravel — o primeiro das novas Constituintes.

Pelas 3 horas da tarde, no largo fronteiro ao edificio da Camara, vem postar-se uma força militar commandada por um capitão, acompanhada da respectiva banda regimental. Pelo vice-presidente da Commissão Administrativa é lido, do alto da varanda, o pregão que seguirá depois a travéz da cidade, levando a boa nova do reconhecimento parlamentar conferido ao movimento revolucionario de 5 de outubro. E a significar jubilo e entusiasmo estrugem nos ares innumerados foguetes, tosam 3 bandas de musica o hymno nacional e o sino festivo da Collegiada imprime a sua adhesão ao momento solemnizador.

Assim, pois, segue o pregoeiro camarario e demais empregados acompanhado duma banda de musica, lendo á cidade o pregão annunciado que reza assim:

Faz saber a todos os municipios que tendo o Governo Provisorio da Republica Portuguesa, por decreto de 12 de junho do corrente anno, convocado para o dia d'hoje a Assembléa Constituinte da Nação Portuguesa, e tendo-se esta reunido na cidade de Lisboa, pelas 12 horas e 40 minutos d'este dia, foi por ella proclamada definitivamente a Republica.

E o rapazio seguindo o bando, lá ia a travéz da cidade, ouvindo a espaços... pelas 12 h. e 40 minutos deste dia, foi (enfim)! proclamada a Republica.

Em coreto levantado em frente ao municipio, a banda regimental prehenheu algumas horas, até que, á noite, pelas 9 horas, se organisava no Centro Republicano uma marcha com archotes e venezianos onde tomou parte muito povo, as associações de classe dos cortidores e fabricantes de calçado com as suas bandeiras, juntando-se-lhe muitas outras com as côres nacionaes.

E entre quentes e estridentes aclamações animadas pelas notas vivas da Portugueza, lá segue a imponente manifestação, indo a encontrar-se com a grandiosa, a

feérica marcha do regimento 20, completando d'esta forma um cortejo imponente, cheio de vivo ardor patriótico. A' frente, um carro, puchado a cavallos brancos, onde se levantava uma columna de triumpho e de victoria, tendo na sua base uma figura viva symbolizando a Republica. Do mesmo eram queimados fogos de bengala por sargentos. Seguidamente a banda regimental precedida de toda a officialidade, depois um terço de clarins e, finalmente, 200 praças empunhando balões coloridos, d'um effeito empolgante.

Assim percorreu o cortejo a cidade formado pelo povo e pelo exercito, saudando, aclamando, victoriando a Republica.

Recolhido ao quartel pela mesma ordem, alli, já dentro da parada e do alto d'uma varanda, disse algumas palavras ao cidadão A. L. de Carvalho, fechando a brilhantissima solemnisção do dia entre as mais delirantes ovações e vivas á Republica, á Patria, á Liberdade.

NOTAS

—As collectividades locais, excepção de poucas, tiveram a sua bandeira hasteada durante o dia. A Associação Commercial, Camara, Centro Republicano e algumas casas particulares illuminaram a noite.

—Foram expedidos para Lisboa diversos telegrammas de saudação pela abertura das constituintes, endereçados alguns ao illustre deputado por Guimarães snr. Dr. Eduardo d'Almeida. Destes temos conhecimento: Comissão Administrativa da Camara Municipal, Centro Republicano, Comissões Parochiaes Administrativas do Pevidem e S. Paio, Associação Commercial, Associação Fabricantes de Calçado, do chefe da policia, da «Alvorada», etc.

—A menina que figurava de Republica no carro de infantaria n.º 20, era filhinha do nosso correlligionario José Antonio dos Santos.

A questão dos talhos em Vizella

Uns comem a carne, outros... esbulham os ossos

Deliberáta a Camara de Guimarães que os habitantes das vizinhas povoações de Vizella e Taipas, comessem carne—mas carne inspecionada. Era humana a deliberação. Para isso fizeram saber aos donos dos talhos das referidas localidades que deviam, d'ora avante, abater as suas rezes no Matadouro Municipal d'esta cidade—até que alli se installassem postos de fiscalisação sanitaria.

Taipas, submete-se a esta previdente medida; mas Vizella, protesta, insurge-se, alegando trans-tornos e difficuldades.

—Teem razão?
—Não teem razão?
—Quem decide?

Entretanto a Camara, em face da resistencia de Vizella, prohibe a venda de carnes verdes sem o visto do medico veterinario. Vizella, resiste ainda, e colloca o seu talho fóra de portas, na barreira do visinho concelho de Felgueiras, entendendo assim não ter que obedecer nem que sujeitar-se á legislação dos de Guimarães.

A Camara, por sua vez, resolve crear em Vizella um talho para venda exclusiva das ditas carnes verdes, sendo o talho alli dado a funcionar, ha já algumas semanas. D'ahi a colisão.

Vizella teima em comer carne—sem o carimbo da inspecção. E'

uma teima bairrista. Preferirá morrer... como dantes. A Camara topa-lhe a barreira d'entrada, manda-lhe policia e empregados, defende, numa palavra, a inviolabilidade da Camara.

Domingo preterito, o caso tomou então aspectos de rebellião popular. Ha provocações e ha diatribes; ha ameaças e ha prisões. Uma palavra, um gesto, uma fálca mais... e os sinos tocam a rebate. Correm lavradores com enchadas e roçadouras, mulheres com alarido e prégãos:

—E' carne com bichos!

—E' carne podre!

—Queremos o «nosso» talho!

Mas tudo logo serenou; porque, á desabrida e mal pensada tempestade do povo, se oppôs a prudencia e a serenidade da policia e dos fiscaes.

Volve a semana, e com ella o trabalho, o canseroso amanho da vida, o grangeio da terra, a labuta da officina, não havendo, por isso, quem faça engrossar o protesto, em dias uteis,—o protesto antegosado por quem especula destas situações.

Vamos, senhores! Cordura... e muita sciencia de bem governar!

Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção que é um jornal para todos. Vamos; enviem-nos a sua prosa, seja como fôr,—contanto que nella se defenda um principio justo, razoavel, humano, attendivel.

Cartaz de S. Torquato

Nosso caro Redactor:

Não poderá informar-nos sobre as causas que levaram um dos desenhadores da lith. nac. a collocar a mão esquerda da figura principal, e cremos que unica figura, do cartaz da grande e proxima romaria de S. Torquato, no braço direito do mesmo figurão? Seria capricho do architecto que fez o croquis?

Veja, presado redactor, se desvenda o mysterio, e pedimos-lhe que abra uma secção no seu jornal sob a epigrafe—*Maravilhas da Arte Moderna*—(nos cartazes de S. Torquato)—em contraposição ás «*Maravilhas da Arte Antiga*» que alli publica. Aguardamos, ansiosos, a resposta no proximo n.º da «Alvorada», se poder ser, o que muito nos penhorará. Queira desculpar.

Guimarães, 10—VI—1911.

Um grupo de leitores (que pagam a assignatura.)

Vimos o cartaz a que se refere a carta acima e vimos tambem o nome de Marques da Silva.

E pensamos então, vendo *aquella coisa* disforme, como seria que um tal aborto se produziu! Sim, porque a figura (?) não tem só a mão esquerda no braço direito; tambem o pé esquerdo e a perna direita offerecem uma configuração exquisita e anomala!

Aquillo só se fosse assim: o auctor, cuja especialidade é a architectura, fez pés e fez mãos, fez cabeças e fez troncos, fez baquetas e fez braços, fez, em summa, varias peças com as quaes esboçou uma figura a tocar bombo,

deixando á Lith. Nac. o encargo de a completar. Esta, porém, enganou-se e armou—um mane-quim.

E' esta a nossa opinião.

Sindicato Agricola

Depois d'uma brilhante conferencia promovida pela «Associação Central da Agricultura Portuguesa», é organizado nesta cidade o Sindicato Agricola

Inscreveram-se já os seguintes cavalheiros:

Conde de Margaride, dr. Augusto José Domingues d'Araujo, Antonio de Freitas Ribeiro, dr. Antonio Baptista Leite de Faria, dr. Alberto d'Oliveira Lobo, dr. José Maria de Moura Machado, dr. João Martins de Freitas, Antonio Cayres Pinto de Madureira, padre Antonio Augusto Monteiro, Eduardo Manoel d'Almeida, Eduardo Vieira Cruz Pinto d'Almeida, José dos Santos Vaz Vieira, capitão Luiz Pereira Loureiro, João Guardino Pereira, conego José Maria Gomes, visconde do Paço de Nespereira, dr. Antonio Coelho da Motta Prego, dr. Alberto Rodrigues da Silva, capitão Duarte do Amaral Pinto de Freitas, dr. Antonio Maria do Amaral e Freitas e José Maria Leite Junior.

A *Alvorada* congratulando-se com a patriótica iniciativa, põe a sua acção ao serviço dos seus organizadores.

Uma pagina que não se repete

—E' necessario fugir, meu senhor! corre a avisar um creado. Os filhos da revolução vem a passo de carga sobre o solar! Ao fundo d'un subterraneo, humido e escuro, ficava a mina. Por ella seguem. O fidalgo na frente, os creados mais atraz, os filhos e a mulher depois.

Andaram, andaram, andaram. As noites interminaveis como os dias infinitos, passaram-nas entre visões e pesadelos infernaes. Era o saque e era o incendio; era a nostalgia, a desventura tragica... e um corvo faminto sobre o braço d'uma forca. Horror!

Ao fidalgo, então, a barba e o cabelo cresceram-lhe hirsutos do raiva; á fidalga embranqueceram-se-lhe os cabellos de vergonha. O ultimo filho... a vergontea derradeira da grande arvore genealogica, morreu, sem leite. Os outros, ninguem os viu mais, ninguem mais deu por elles!

Foi assim, em horas de revolução, pernoitando nas covas das montanhas como as cobras, escondendo-se nos forros das casas como ladrões, rasgando os pés nos caminhos como os mendigos, bebendo a agua dos lódos como as rãs, disfarçado em almocreve, roto, só e hypothecado, que passou á historia o ultimo fidalgo—e com elle os pergaminhos bronzados dos seus maiores!...

Simular hoje fóra do romance ou fóra do theatro essas scenas heroe-tragicas do passado, é provocar o riso.

REPORTAGEM

Festas da Cidade e Centenario Affonso

Acha-se já mais ou menos esboçado o programma d'estas festas, que devem revestir a imponencia e o brilho dos annos anteriores, nos dias 5, 6 e 7 d'agosto.

Teremos illuminações deslumbrantes, descantes populares, cinematographo ao ar livre, feira franca, tourada, batalha de flores, exercicio de bombeiros, festivaes nocturnos, distribuição de premios, descerramento da lapide commemorativa do centenario no pedestal da estatua de Affonso Henriques no novo local, marcha milaneza e cortejo civico-historico.

Este ultimo numero será, sem duvida, um dos melhores da festa pelo seu caracter historico, sendo constituída a primeira parte pelos arautos com o portaestandarte ao centro, grupo de cruzados (cavalleiros), carro historico e charanga; e a segunda parte pelo operariado das fabricas, banda de musica, associações de classe e artistica, banda de musica, agricultura, escolas primarias, escola industrial, academia, banda de musica, bombeiros voluntario, associação dos empregados do commercio, club de caçadores, associações de beneficencia, banda de musica, imprensa, Sociedade Martins Sarmento, autoridades civis e militares, camara, Associação Commercial e regimento com a respectiva banda de musica.

Nada ha sobre a cunhagem de moeda e de sello commemorativo do centenario, cuja receita se destinaria ao custeamento da obra do Castello, sendo para lamentar o mallogro de tão importante iniciativa.

As festas serão abrilhantadas com a presença de mais de um ministro, o que lhes imprimirá maior importancia e destaque.

O cartaz das festas, cujo original está quasi concluido pelo auctor habitual, deve constituir um reclamo attrahente pela empolgante altivez e flagrante significado da figura destacada no primeiro plano.

Excursão importante

E' no proximo sabbado que um grupo de 80 commerciantes do Porto vem em excursão a esta cidade, constituindo mais uns tantos propagandistas entusiastas das bellezas unicas da nossa formosa Penha.

Ali, sob o ar puro do pittoresco local, terá lugar um banquete de 80 talheres.

Que sejam bem vindos e que Guimarães os receba com carinho e galhardia.

João Gualdino Pereira

Acha-se melhor do edema pulmonar uremico de que subitamente foi atacado no ultimo sabbado este nosso estimado amigo, figura de destaque no nosso meio pela sua actividade e intelligencia, incidente que penalizou os seus numerosos amigos e a população da cidade, havendo o maximo interesse pelo proseguimento das suas melhoras.

Aos promptos soccorros de seu extremoso irmão, dr. Fernando Gilberto Pereira, deveu elle não ter succumbido fatalmente.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

Sociedade Protectora dos Animaes, de Guimarães

Afeição de um cão

Um capitão de uma companhia de artilheria da Carolina do Sul, Estados Unidos, morreu de uma bala, n'uma batalha dada na Virginia. O corpo do official, depois de mettido em um caixão e este fechado, foi levado para casa da sua familia, que residia então na Columbia. O cadaver chegou ali uma semana depois da morte. A' sua chegada o cão do defunto, cão que elle estimava muito, appareceu diante da porta principal da casa, farejou e mostrou-se muito excitado.

Quando o caixão foi tirado do carro, que o tinha transportado, o cão foi metter-se debaixo d'aquelle, acompanhando-o a casa entre as pessoas que o conduziam. Apesar de ter já decorrido uma semana depois da morte do seu dono, e o corpo estar bem fechado no caixão, o animal reconheceu-a, só pelo faro. Tendo sido o caixão collocado sobre uma mesa, que estava em uma sala, o cão estendeu-se por baixo d'elle e ficou ali pelo espaço de 18 horas, até ao momento em que no dia seguinte se effectuou o enterro.

No dia immediato notou-se que o cão tinha desaparecido. Procurou-se e foram encontra-lo deitado sobre o tumulo do seu dono e encharcado pela fria chuva que tinha caído durante algumas horas.

Recusou-se a deixar o logar, e foi necessario ata-lo com uma corda, para o levarem para casa, d'onde tornou a desaparecer. Procurado novamente foi encontrado na posição em que o acharam a primeira vez. Arrastado até casa, prenderam-no com uma corrente. Então recusou-se a comer e a beber e só gemia. Na manhã do terceiro dia acharam-no morto.

Será difficil que exista afeição superior a esta.

Do Zoophilo.

Batalhão de Voluntarios da República

Dizem-nos que no proximo domingo, 25 do corrente, o exercicio dos alistados deste patriótico Batalhão, se effectuará em S. Pedro de Azorem, das nove ás onze e meia horas da manhã, com balas simuladas.

Grupo de Propaganda "Por Guimarães,"

De ordem do Ex.º Presidente d'este Grupo, José Correia Teixeira Guimarães Junior, convido os dignos socios para uma reunião de Assembleia geral que deve realizar-se no dia 22 do corrente, pelas 9 horas da noite, a fim de se proceder á eleição da Direcção e do presidente da Assembleia geral vago.

Não comparecendo numero legal de socios fica a mesma adiada para o dia 28, á mesma hora, para o que desde já fica feito o convite.

Guimarães, 17 de junho de 1911.

O 1.º SECRETARIO DA ASSEMBLEIA GERAL,

Alberto Cezar.

ALVORADA

SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—GUIMARÃES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda
Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)
Chá preto e verde de superior qualidade
Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella
Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Peugas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.^{mos} amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 réis.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egular, não hesite em procurar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97



CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Malas de mão (Bolsas)

LEQUES, muita novidade

Camisaria, Gravataria, Espartilhos e artigos de bordar

Deposito de luyas em todas as qualidades

— PREÇOS FIXOS —

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.